

Bornancini & Petzold: uma homenagem

Adélia Borges

Texto para o catálogo da II Bienal Brasileira de Design, realizada no Museu Nacional, em Brasília, em 2008, com curadoria geral de Fábio Magalhães.

A dupla de designers gaúchos José Carlos Bornancini (1923-2008) e Nelson Ivan Petzold (1931) destacou-se nos últimos 60 anos por um trabalho que tem como palavra-chave a inovação. Seus projetos geraram 304 patentes para as empresas para as quais trabalharam e, em última instância, para o país. Trata-se de uma contribuição notável, mas, de certa forma, ainda pouco reconhecida, talvez pela característica de os designers terem permanecido sempre tão perto do chão das fábricas quanto longe dos holofotes da mídia.

A capacidade de criar o novo se baseia num profundo conhecimento das possibilidades técnicas geradas pelos processos produtivos e materiais com os quais trabalharam. Esse conhecimento, por sua vez, só pôde se desenvolver e se consolidar por uma peculiaridade: em sua trajetória, o projeto eventual para uma empresa foi a exceção; a regra foi o estabelecimento de parcerias de longo prazo, muitas vezes décadas, com algumas dezenas de empresas, entre as quais Hercules/Zivi Hercules/Mundial, Termolar, Elevadores Sûr, Gerdau, Massey Ferguson, Taurus, Springer e Wallig.

A intimidade obtida nesses relacionamentos de longo prazo permitiu-lhes uma evolução acentuada na geração de objetos cada vez melhores voltados para o atendimento de determinada função. Tome-se o caso da necessidade de manter, armazenar e servir bebidas quentes. Seu primeiro trabalho no segmento das garrafas térmicas foi em 1965, quando juntaram baquelita e borracha vulcanizada para projetar o mecanismo Vedasim, que veio substituir as rolhas de cortiça até então usadas em garrafas térmicas, com a vantagem da vedação mais eficiente. Restava o problema de o conteúdo se resfriar a cada abertura da

garrafa para servir a bebida. Foi então que, em 1972, os designers transpuseram o princípio de funcionamento das torneiras para esse segmento e criaram a rolha Giromatic, em que um pequeno giro permite o fluxo do líquido sem necessidade de tirar a tampa. Nos anos 80, desenvolveram a idéia de verter o líquido não mais inclinando a garrafa, mas por acionamento de uma bomba. Observadores acurados das condições de uso dos objetos pelas pessoas comuns notaram que as donas-de-casa deixavam as garrafas em cima de pires ou pratinhos para proteger as toalhas dos respingos freqüentes de gotas de café ou de chá após o usuário servir-se das bebidas. Para “resolver” o problema, uma fábrica japonesa projetou garrafas com o pires acoplado. Bornancini e Petzold quebraram a cabeça até conseguir chegar a uma nova solução técnica, devidamente patenteada, que veio ao mercado em 1999, batizada de Magic Pump – com o detalhe de que cada garrafa vinha com um “certificado contra pingos”, assegurando ao consumidor seu dinheiro de volta se vertesse líquido.

Outro caso bem ilustrativo de como se pode melhorar sempre um produto é o das tesouras. No início dos anos 70, eles fizeram uma pequena alteração no processo de junção das duas partes desse objeto, que era por rebite e passou a ser feita com um parafuso de ajuste entre as lâminas. A vantagem do mecanismo é permitir afrouxar ou apertar freqüentemente o ajuste das tesouras, garantindo o conforto do usuário. Em 1972, utilizando esse sistema, eles projetaram a Multiuse, com uma versão para destros e outra para canhotos. Em 1982, a partir da observação de que diferentes materiais – dos tecidos a serem cortados pelo alfaiate aos cabelos a serem aparados pelo cabeleireiro – pedem instrumentos de corte variados, desenvolveram uma linha para 16 usos diversos. Atentos à necessidade de identificar claramente ao consumidor que se tratava de uma “família” de tesouras feitas do mesmo esmero em qualidade, criaram o “ponto vermelho”, um detalhe de plástico vermelho que passou a identificar o conjunto nos pontos-de-venda. Em 1993, novo avanço com a Softy, a primeira tesoura que contemplava ergonomicamente no mesmo modelo destros e canhotos. Eles chegaram a essa conquista por meio do uso de um anel de borracha macia nos “olhos” das tesouras.

A evolução no design das tesouras exemplifica a crença dos designers de que os produtos é que precisam se adaptar às pessoas, e não o contrário. Essa premissa sempre foi reiterada por José Carlos Bornancini e Nelson Ivan Petzold, uma declaração que deixa evidente sua postura de que os objetos precisam servir aos seres humanos – “categoria” entendida por eles em seu espectro mais amplo, não apenas os homens, mas também as mulheres; não somente os adultos, mas também as crianças e os idosos; não somente as pessoas com pleno usufruto de seu corpo, mas também aqueles com problemas provisórios ou permanentes de visão, audição, locomoção etc.

No caso de um projeto de cabine de elevador, por exemplo, isso se traduz por inscrever marcas dos andares em braile, situar o painel de controle à altura de crianças ou de usuários de cadeiras de rodas e ainda oferecer sinais sonoros e não apenas visuais de que o elevador chegou ao andar. Sempre tiveram também um desejo de estender as virtudes do bom projeto a todas as classes sociais, e não apenas aos bem-nascidos. Daí costumarem se demorar , ao explicar seus projetos, nos detalhes que permitiam simplificar sua produção, usar melhor a matéria-prima, racionalizar um processo produtivo, de forma que o preço final pudesse baixar. Orgulho dos grandes sempre foi o de perceber que, em muitos abrigos de sem-terra, em muitos acampamentos de bóias-frias, o garrafão SuperTermo, da Termolar, marcou presença constante .

Mas talvez o produto que mais fundo tenha calado na memória afetiva dos usuários tenha sido o Talher Criança. Com raras exceções, como o das colheres “tortas”, os talheres infantis então existentes no mercado diferiam daqueles para adultos somente por serem menores. Bornancini e Petzold trataram os talheres como personagens, de forma a compor uma atmosfera de “comer brincando”, slogan que foi usado na comercialização do Talher Criança. A linha inicial foi formada por três personagens: o Príncipe Garfo, o Cão Faquinha e a Princesa Colher. Essa decoração, em vez de estar nos cabos das peças, foi feita nas conchas, ganhando assim uma área maior para o desenho. Lançados em 1975, em embalagens que sublinhavam seu aspecto lúdico, os talheres infantis tiveram mais de 2,5 milhões de peças vendidas.

Outra inovação marcante é a do Talher Camping, em que o cabo da faca funciona como uma bainha para alojar o garfo e a colher – solução que facilita seu transporte e uso em atividades ao ar livre. Em 1975, o produto passou a fazer parte da seleção de bom design da loja do Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York.

A seleção pelo prestigioso MoMA foi apenas um dos reconhecimentos que a dupla José Carlos Bornancini e Nelson Ivan Petzold – em alguns períodos acrescida também pela presença do designer Paulo de Tarso Müller – obteve. Eles receberam desde 1986 várias premiações no Prêmio Design Museu da Casa Brasileira; a medalha “Lápiz de Plata” em 1985 pela Bienal de Diseño de Buenos Aires ; e o grande prêmio pelo conjunto da obra da Fundação Bunge, em 2003, quando foram escolhidos entre designers de todo o país.

Bornancini faleceu no início de 2008; Petzold prossegue, agora num trabalho-solo, atendendo algumas indústrias e também numa incansável peregrinação por várias cidades, dando palestras sobre o design industrial, com foco na inovação.

Apesar dos inúmeros prêmios que receberam, o conhecimento a respeito de sua trajetória ainda é muito inferior a sua contribuição ao país. A intenção dessa sala especial na *Bienal Brasileira de Design* foi homenageá-los por essa excepcional doação ao design brasileiro. O maior legado que eles nos dão é a demonstração viva de como o design pode contribuir para o desenvolvimento tecnológico e a competitividade empresarial de um país e, sobretudo, como ele pode melhorar a vida das pessoas.